

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

No passado dia 20, Fão comemorou 10 anos de elevação a vila. A efeméride foi saudada com foguetes (bastantes) e a Banda Plástica de Barcelos (excelente conjunto) veio até nós fazer uma exibição que inicialmente estava para ser no coreto, mas devido à chuva (muita, graças a Deus!) foi transmudada para os Bombeiros.

É caso agora para fazer a pergunta: o que evoluiu Fão de há dez anos para cá? Dissemos no último editorial que Fão parou no tempo, o que equivale a dizer que o seu desenvolvimento de há há uns anos até esta parte foi praticamente zero. Nem evoluímos nem revelamos mentalidade para evoluir. Haja em vista um comunicado ou uma saudação apresentada

FÃO... Que vila?

pela Junta da terra onde se lê em cima «Vila de Fão» e em baixo «Praia de Fão». Há ostensivamente uma ausência do nome de Ofir quando, quer se queira quer não, Ofir é a alavanca do progresso desta terra. E, se não, imaginem o que seria Fão, sem o contributo daqueles que fizeram Ofir. Estávamos pouco mais que melhor do que a freguesia pior do concelho. Lembrámos que quando Fão solicitou ao Governo a sua passagem a vila, meteu na pasta das credenciais o valioso património turístico que nos foi legado pelos homens de Ofir. Afinal o que é Ofir?

Parafraseando uma revista que aqui já foi levada à cena, diremos que Ofir também é Fão; Ofir é o nome vendável de Fão, Ofir é uma estância de turismo internacionalmente conhecido, Ofir é o que permite a Fão ser o que é.

Pensamos que o melhor que uma Junta teria a fazer, se não consegue «ver» Ofir, era no final do comunicado não escrever nada, pois nós nem lógica nem literariamente conseguimos perceber o alcance daquela frase «Praia de Fão». Ou melhor, percebemos muito bem...

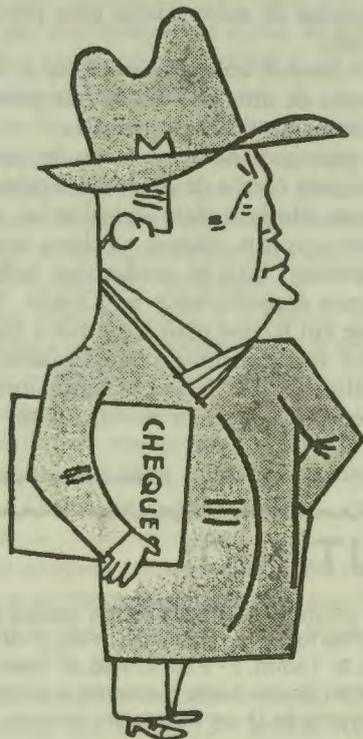
Mas nós desviámo-nos do escopo do nosso artigo, pois o que gostaríamos era falar do progresso de Fão. E em honra do

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

AVELINO PIRES CARNEIRO



A figura que destacamos em perfil é o Avelino Pires Carneiro, mas com mais propriedade devia ser a Família Pires Carneiro. Com efeito o Avelino Carneiro foi um grande benemérito e amigo de Fão, seu mano Octávio da Assunção, aliás D. Octávio d'Assumption, é hoje no Uruguai a figura mais representativa da colónia portuguesa e o pai foi dono da maior alquilaria do concelho em Fão, cremos até que a única.

Mas vamos por ordem. Os pais foram Maria Domingues de Assunção e Pires Carneiro, por alcunha O Fulão, que era natural de S. Bartolomeu. Como atrás referimos, o referido Fulão era dono de uma firma que alugava trens ou carroças de cavalo sediada no Largo das Alminhas, ao Cais. Naquele tempo, princípios do século, a alquilaria do Fulão era de respeito, dispunha de mais de 20 cavalos e ainda das seguintes diligências, liteiras ou veículos:

Carro Veiga, espécie de táxi, a cavalo, destinado a festa ou outros eventos. Era tirado a três cavalos em fila, descapotável no verão, corridos por cortinas pretas que se seguiam fechar.

(Continua na página 2)

RAPAZES DO MAR

Era ainda de madrugada e os rapazes, com os olhos inchados de sono, lá arrastavam os socos pela estrada da praia fora a ouvir a cantilena do mar que, pela sua toada, devia ser «vivalhão». Aliviavam-lhes o sono que teimava em estar presente, uns bocejos aqui e ali, e lá caminhavam, carregando às costas um pesado fardo que não era senão um complicado aparelho a que vulgarmente apelidavam de «espinhel», que estava sempre a romper-se no mar, de tão podre ser; era constituído por cerca de cento e cinquenta anzóis, já tão ferrugentos que até parecia que nem a taborra, por ironia, os queria sepultar no fundo e lhes levava um tempão a iscar. Carregavam ainda umas fracas bóias de cortiça inventada, uns toletes, umas linhas de sisal e outras pequenas tralhas.

Na praia, bem no cimo das dunas e protegido pelo fieiro, tinham o barco e quatro remos cruzados como que a sofrerem o seu castigo. Chegados lá, os aprendizes de pes-

cahores ficavam incrédulos a remirarem por entre a penumbra a escumarada das vergas de mar do tamanho da «casa da floresta». Com os cabelos arrepiados pelo medo, observavam que a maioria dos camaradas da pesca estava com os seus mestres no abrigo das barracas dos lavradores de Fonte Boa, aconchegadinhos do vento noroeste, à espera que nascesse bem o dia para tomarem o melhor rumo. De rompante surge-lhes o todo poderoso mestre a mascar um grosso cigarro, com os olhos de arau branco, um voltado para o mar e o outro voltado para os jovens que sem pestanejar lhes dirige as sacramentais palavras de sempre:

— Vamos ver se rapamos alguma coisinha do fundo. Vamos c'ó Senhor Bom Jesus!

O trabalho daqueles homens do futuro foi arrastar pachorrontamente o canote às costas pela areia da praia; depois os remos, a

(Continua na página 4)

Editorial

(Continuado da página 1)

progresso desta terra que todos dizemos amar, fazemos à laia de brinde, alguns votos para:

— que a praia de Fão (ou de Ofir, para nós é ao calha) seja dotada de mais um hotel e de um campo de golfe para o qual o Governo confere a fundo perdido a importância de 120 mil contos;

— que a Câmara recupere para a vila um terreno à ilharga do mosteiro do Bom Jesus e que actualmente é pertença do António Miguel;

— que as obras da Alameda que dizem estar para breve, se iniciem mesmo;

— que os terrenos a juzante da escola Amorim Campos, lado da ponte, sejam urbanizados para construção;

— idem para o quintal da casa onde morou o dr. Alceu;

— aspas para um terreno do Leonardo;

— que as obras do salão e do mercado saltem do palco do «em breve» para o «já está».

Então a terra de Fão merecerá de direito e de facto o honroso título de vila. Não mais será uma terra parada no tempo.

DOENTE

Tem aguardado o leito desde há já vários dias o nosso amigo Carlos Maria do Pilar Barros Reis, funcionário da Secção de Finanças de Vila do Conde.

Esperamos que não seja doença prolongada, pelo que fazemos votos para que este conterrâneo em breve volte ao convívio dos seus amigos.

AVELINO PIRES CARNEIRO

(Continuado da página 1)

Era constituído por uma espécie de caixa suportada por quatro varões de ferro na vertical, dispondo no interior de dois bancos corridos onde se sentavam oito pessoas.

À frente e ar livre sentavam-se ainda três pessoas além do cocheiro. Ao todo, doze pessoas. Possuía tejadilho de madeira e oleado. Entrava-se por trás, por meio de um patim.

Dois *Chêr Abanc* (?) que faziam a carreira Fão-Póvoa. Eram puxados por três cavalos e levavam 10 pessoas.

Um *coupê*, de dois cavalos. Tinha o feitiço de uma caixa quadrada toda de madeira, com janelas de vidro. Havia uma porta de cada lado.

Um *landolt*: cobertura e laterais de lona. Dispunha de uma articulação que permitia o abaixamento do corpo da caixa.

A paisagem do largo daquele tempo, confrontada com a de hoje, era totalmente diferente. Onde se vêem ambulâncias, jeeps e pronto-socorros, viam-se na altura carroças e diligências, mais os cavalos que todos os dias eram dessedentados no Cávado. Pode dizer-se em termos mais latos que a tracção a motor veio substituir a tracção animal.

É altura de nos determos mais pormenorizadamente nos filhos do casal Pires Carneiro.

(Cont. no próx. número)

FUTEBOL

Os últimos resultados com a equipa do F. C. de Fão foram os seguintes: Fão, 2 - Ruivense, 0; Tadm, 2 - Fão, 1; Fão, 0 - Apúlia, 0.

O Fão ocupa neste momento o quinto lugar, depois de já ter estado em terceiro.

PERFIS

Vimos experimentando algumas dificuldades em conseguir preencher os «perfis». Já lemos e relemos todos os jornais de Esposende e de Fão e os dados começam a faltar.

Pensamos editar um opúsculo com as pessoas aqui evocadas. Será um processo de não as deixar morrer. De qualquer modo sentimos que há lacunas. Solicitamos às pessoas que possuírem dados biográficos referentes a Amorim Campos, P.e Cardoso Viana, Manuel Magalhães, Francisco Gaifém, Vilachã dos Reis e outros que entenderem, o favor de nos remeterem essas notícias para a redacção do jornal.

Não é uma galeria de fangueiros ilustres. Trata-se sobretudo de pessoas diferentes, com um *quid* especial, que também podem ser ilustres.

AUTO-RETRATO

Eu sou o Zé

*Sou catavento,
pluma sem peso
ao sabor do vento
sentimental*

*ora do bem
ora do mal
ora consciente
ora irracional
ora dormente
ora talentoso
ora paciente
ora nervoso*

*E, como o vento,
danço ao acaso:
ora movo moinhos
ora searas desfaço
ora as folhas amo
ora as despedaço*

*Sou o que outros me vêm;
A fera que ora ama ora ataca;
e como tu, daí, me comparas
a estes versos que de mim escrevo,
quiçã na procura de mais um elogio
quiçã para aquecer o coração frio
do moinho do qual a vela estaca.*

*Eu sou mais um fruto dos que a sociedade
faz
e que, como os outros, no chão jax.
Entre os que as bocas deixam ou comem
entre os colhidos pelo vento ou pelas mãos
entre os pobres e os mais são
jazo eu, Zé, um bicho homem.*

José Ferreira Neves
Novembro de 1987

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fózza Júnior, 157 - Telef. 22011 - 27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

IMPRESSÕES E O ADEUS DE UM HUMILDE FANGUEIRO

A vida moderna e o chamado progresso transformaram os costumes de Fão. Passados 5 anos, voltei a Fão, em agosto de 1987.

Na chegada o calor era forte e toda a Vila tinha gente e vida. Na estrada, porém, comecei a notar as modificações. Os campos diminuíram e as casas aumentaram. No centro havia grande quantidade de automóveis e muitos estrangeiros.

Isto já modificava um pouco as nossas previsões. Visitamos os familiares, alguns amigos e fomos percorrer outros lugares no estrangeiro. Quando voltámos, tudo já estava mais calmo e Fão parecia mais o nosso Fão. Alguns dias depois vieram as chuvas e depois delas o começo do frio.

Então comecei a notar como tudo tinha mudado. A escola velha tinha morrido e com ela muitos alunos de antigamente. Agora existia outra, moderna, no Ramalhão, com creche e infantário para as mães poderem trabalhar.

Que nos perdoem os mais jovens que pouco se interessam pelo passado e sua história. As tradições tinham desaparecido também. Não havia mais serenatas e os violões e as guitarras emudeceram e não se ouvia as cantigas que os espectáculos de teatro sempre actualizavam.

O Maia tinha morrido, como o Né Grande também, que se juntaram à voz muda do Diamantino.

O que existe em Fão são obras dos homens antes de 1900.

As Igrejas, o Hospital, o Clube, a Escola antiga que tantos valores deu e até os Bombeiros são obra dos homens de 1800. Os de agora, fizeram o campo de Futebol, os Ho-

Arranjo do Priorado

Vimos já, mostrado pelo sr. Prior, o ante-projecto das obras do Priorado. Vai ser construído um salão que ficará paralelo à Igreja e ao nível da estrada nacional. Haverá ainda uma Casa de catequese e serviços pastorais com três salas e uma zona comum.

Encostado à casa do dr. Fráguas, vai erguer-se um polivalente descoberto, vinte e quatro por dezasseis, para a prática do ténis, badminton, etc.

Na parte de baixo, em frente à casa do Sá Pereira, vão edificar-se três gabinetes (médicos), uma sala de espera, um solário, que em princípio serão alugados à Segurança Social.

Não há dúvidas que estamos perante o maior melhoramento de Fão das últimas décadas.

téis, as Boites e os Restaurantes para satisfazer prazeres e cultivar vícios.

De manhã, das 7 às 8 horas, era aquela correria. Bicicletas, motorizadas, automóveis saíam em disparada para o serviço e Fão ficava vazio.

Dos que ficam em casa, 98,8% eram reformados. As viúvas e os viúvos, recebem reformas dos falecidos. Uns são reformados por tempo de serviço, outros por velhice, outros por incapacidade, e outros porque foram capazes de arranjar incapacidade por uma «cunha» com qualquer doutor. Ainda tem outros que são reformados pela «Casa do Povo».

Isto é o progresso... dizem, e os campos abandonados... sem ninguém.

Um dia frio sem sol, saí de casa para conversar com alguém. Tudo fechado, persianas arriadas, ninguém na rua às 10 horas. Então perguntei a alguém porque Fão estava adormecido, e me responderam: «Seu Caramalho, agora é assim, é o progresso...»

As mães vão para o trabalho, os pais também e os filhos igualmente. Os emigrantes foram embora e não escrevem como antigamente, quando iam para o Brasil e as mulheres ficavam nas portas a costurar à espera do correio para falar... «Fulana, tivestes carta?... O que diz o teu homem?... Fala do meu?...»

O progresso mudou tudo. Não há mais trolhas em Fão, nem carpinteiros, nem funileiros. Tudo agora é moderno. Não há mais pobres em Fão também.

São professores, são doutores, são funcionários. Têm férias, 13.º salário, fundo de desemprego, remédios gratuitos, etc.

Nas fábricas cada um faz um pedaço, porque a máquina executa a obra. Olhem... nem as pessoas se conhecem.

«O meu irmão emigrou e já não o vejo há anos». Outra irmã é professora e divorciou-se logo no 2.º ano... Não há mais família, cada um para o seu lado...

E chorei... Antigamente não era assim. A família existia e todos ficavam em volta dos pais. E respeitavam os pais.

Na escola... os alunos levantavam-se quando a professora chegava. E quando a outra vinha conversar com a colega, todos se levantavam e só se sentavam quando elas mandavam.

Hoje... têm camionetas especiais para levá-los e trazê-los... mas... É o progresso, seu Caramalho.

E eu, um pouco admirado e até meio satisfeito, respondi-lhe: «Pois tudo muito bem... mas eu gostava mais do Fão de antigamente». Adeus.

AMÂNDIO CARAMALHO

Pagaram as assinaturas

1986 — António Gomes Lopes, Fão, 500\$00; António Peixoto, Fão, 500\$00.

1986/87 — Arq. António Gomes da Costa, Porto, 1000\$00; Rafael Maciel Oliveira, Porto, 1000\$00; Carlos R. Palma Rios, Fão, 1000\$00; António Lopes Manteiro, Barcelos, 2000\$00; Franco Barrote, Porto, 2000\$00.

1986/87/88 — D. Cândida Reis Saraiva, Póvoa de Varzim, 2000\$00; João Ramalho, Algueirão, 1200\$00.

1987 — António Augusto Gabriel, Fão, 500\$00; D. Ana Gomes Soares Nogueira, Póvoa de Varzim, 500\$00; Américo José Esteves, Fão, 500\$00; José António Capitão Machado, Fão, 500\$00; António da Fonte Gaifém, Fão, 500\$00; Amândio da Fonte Gaifém, Fão, 600\$00; D. M.ª de Lurdes Mendes Soares, Fão, 500\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 500\$00; Manuel Neves Ribeiro, Fão, 500\$00; Cândido Casanova, Fão, 500\$00; Cândido Lavandeira do Monte, Fão, 500\$00; D. Aida Teixeira Dias de Araújo, Fão, 500\$00; Manuel Faria Solinho, Braga, 500\$00; Manuel Teixeira Machado, França, 1000\$00; D. M. Elizabeth Barrote Meira, V. do Castelo, 500\$00; António Gomes de Baixo, Fão, 500\$00.

1987/88 — José António Capitão Machado, Fão, 500\$00; Eng.º Adelino Carvalho do vale, Fão, 1000\$00; José Artur Saraiva Marinho, Fão, 1000\$00.

1988 — Dr.ª Rosália Grasieta C. Fernandes Teixeira, Porto, 2500\$00; Dr.ª Maria Celeste Sá Pereira Portela, Póvoa de Varzim, 500\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 500\$00; José de Sá Pereira, Fão, 500\$00; Raul Lúcio Fonseca Viana, Fão, 500\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; D. M.ª Carolina Magiol Nogueira, Lisboa, 500\$00; D. M.ª Natália Sá da Quinta, Barcelos, 500\$00; Arlindo Ferreira, Fão, 1000\$00; Carlos Cardoso Salgado, Brasil, 1000\$00; Prof. António J. Barros Peixoto, Fão, 500\$00.

A César o que é de César

Publicou este jornal, no seu último número, um desenho humorístico 1987-1988.

Pede-nos o nosso amigo e dedicado colaborador Fernando de Almeida para nos esclarecer que o referido trabalho é da autoria do seu amigo Artur Faria, um talentoso artista do género e que vive na cidade do Porto.

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

Núcleo de Esposende

A direcção deste núcleo vem, por este meio e muito reconhecida, agradecer a todas as pessoas e entidades que, por qualquer forma, contribuíram para o êxito da sua Venda de Natal.

Este agradecimento é extensivo a toda a população do concelho pela compreensão demonstrada e pelo apoio que deu a tal iniciativa.

Aos sócios deste núcleo que, em número crescente, incentivam ao desenvolvimento desta instituição no concelho, o seu reconhecimento.

Às Comissões de Freguesia cujo trabalho muito tem ajudado à divulgação e expansão deste núcleo, exprime um voto de solidariedade.

Aos médicos e enfermeiras que tão dedicadamente se entregam à sua missão, um muito obrigado.

Janeiro de 1988

A DIRECÇÃO

RAPAZES DO MAR

(Continuado da página 1)

poita, as tralhas, etc., e arrumar aquilo tudo muito acamadinho no fundo daquelas tábuas velhas que já flutuavam e cujo mar tinha pressa em arrancar às mãos possantes do desencartado arrais. Como os bois que vão para o matadouro, lá saltavam todos com uma certa indolência para dentro do barco como se previssem que iam ser arrebatados pelas fortes ondas e engolidos pelo mar. Fatigados com este pensamento mas com disfarçada genica, lá encatrafiam os remos nos toletes, que um minuto de vida é vida, antes que a casca de noz se atravessasse numa enorme vaga de mar. Após isso, e já para salvarem a pele, começaram a remar com toda a força ao som do batimento uníssono dos quatro remos nas toleteiras do frágil batel, sempre com as mesmas frases discográficas do patrão da embarcação a ouvir-se:

«— Rema daí menino, força, força, seia tu daí, força senão vamos ao fundo, força que vem ali muito mar, rema mais daí, rema dali, força, força, seia agora tu, força senão vamos ao fundo, força senão apanhmos aquele serrote de mar que nos atira à praia, rema mais daí, força daí, força..., força...» E, já um pouco mais calmamente mas sempre com olhos de alta visão a enxergar o mar, o valente timoneiro enrolava com um certo engenho no irrequieto bote um pouco de mau tabaco num papel de cigarro, acendia-o com muita arte num rudimentar isqueiro e tranquilizava-se descontraidamente com quatro fumaradas, enquanto os braços dos pequenos navegantes, já exaustos, levavam os punhos dos remos abaixo do traseiro. Assim ficavam na lancha durante escassos segundos ao correr da vaga, enquanto os músculos dos braços e das pernas descansavam e retemperavam as energias que iam dispendir até aos «Mares do Castelo», lá bem de fora, na trepa da pedra, onde havia os melhores pesqueiros de fanecas.

Para trás já ficara uma perigosa saída da praia, mas para a frente levavam o fantasma dum regresso ao Deus-dará com o salvavidas bem longe e metido num velho barracão. Lá remavam com o coração nas mãos, a

pensar se voltariam a jogar de tarde a bola na Junqueira ou no «Campinho» contra a malta das Pedreiras ou contra o grupinho dos Jocistas e ouvir uns fadinhos à noite no Cortinhal, principal motivo das soneiras retardadas; mas esse medo só seria esquecido em terra firme, depois da perigosa enxurrada na areia, pois, graças a Deus e ao Senhor Bom Jesus, lá conseguiam desembarcar de dentro do barco, ou por debaixo dele, quando encarrilhavam de vem em quando na mesma praia. Algumas vezes tinham que ir procurar os remos e as roupas ao Norte da «Volta das Lanchas» ou próximo das Pedrinhas, quando previamente se libertavam delas para melhor alcançarem a terra a nado, já que não existiam coletes de salvação nem feitos sequer daquela falsa cortiça que constituía o balizame. Situações houve em que tudo se perdia, até a vida dos pobres pesquisadores de pão sobre as águas profundas e negras, pois o mar só devolvia os seus cadáveres muitos dias depois de amainar...

Também na «beirada», bem no enfiamento do Castelo ou noutras mares longínquos, lançavam o espinhel a pescar sempre com o Senhor Bom Jesus na boca, que era o Credo dos pescadores.

— As alminhas do Senhor Bom Jesus nos abençoem — dizia o comandante na recolha do primeiro peixe.

— Amém ou assim seja — respondiam os «calça-arregaçada».

Não seria este naturalmente o catecismo mais correcto, mas que a sua fé os salvava, era verdade. Quando outros companheiros de faina se cruzavam com aquela tripulação de quatro remos, perguntava-lhes o velho lobo do mar, depois de os cumprimentar brandamente com o «bom dia, camaradas»:

— Então que tal foi a pescaria? Deu alguma coisa?...

— Nad'home! Dei um lance ali ao Norte, pela popa daquele «vianês», mas só veio p'ra riba meia dúzia de «borrichalhos» — respondia o «Reigoças».

— É com'eu! Hom'stou farto de trabalhar nesta marca e só me veio nos anzóis taborra do fundo — replicava o mareante — E de gramalheiras, nada!

Aqui a pequena malta pensava logo em lagostas..., e este pequeno diálogo deixava os pequenos homens bem tristes, pois arregalavam bem os olhos na direcção do cavername do fundo chato do canote e apenas viam uma ceira vazia e uns fracos peixinhos que nem os olhos abertos tinham. A não haver o tal milagre, as contas das partilhas antecipadamente estavam feitas. Uma vez que não avia nada p'ra vender p'ros viveiros da Póvoa, o dia tinha ido «p'ró caraitas». Decepcionados, dentro de poucos minutos, alavam um pedaço de penedo que servia de âncora e remavam a toda a força dos braços, de tal forma que o suor, misturado com as chapas de água, lhes entrava pela boca dentro com sabor a sal. Lá continuavam a toda a pressa, em primeiro, rumados ao Farol e depois, ao Cavalo, por dentro da Queixada e da Cernelha. Graças mais uma vez à Senhora da Bonança, fundeavam bem junto de Ofir, são e salvos, para serem os únicos pescadores valentes a venderem a meia dúzia de fanequinhas por quatro c'roas que iam repartir e lhes amenizava um pouco a negra fome, naquele plúmbeo e ventoso dia de mais um inferno da vida, na penosa vida do mar.

(História fictícia. Qualquer semelhança com pessoas ou factos verídicos, é pura coincidência).

CASANOVA

NA TELEVISÃO

Em representação da Escola do Ciclo Preparatório de Esposende, tomou parte no concurso «JÁGUITÁ», dirigido por Alexandra Solnado, uma equipa constituída por Sónia Carina (de Fão), José Miguel Pedras (filho de João Pedras) e ainda por Sandra Lopes (filha do Chefe da Estação Postal da nossa terra).

Portaram-se muito bem os jovens concorrentes, mostraram boa presença, mas a vitória foi para a Lourinhã. Ainda assim trouxeram uma bicicleta para casa, e depois exibiram-se na televisão, o que foi importante.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

LENTES DE CONTACTO

AGORA...

Com Gabinete de Contactologia no 1.º andar, para melhor servir os seus clientes.

VISITE AS NOSSAS NOVAS INSTALAÇÕES

PÁGINA JOVEM

Olá, jovem! Esta página é exclusivamente para ti. É um espaço que te reservamos neste — agora também teu — jornal.

Gostas de escrever? De desenhar? De adivinhas ou de anedotas? Então aproveita esta oportunidade para fazeres uma coisa que te agrada, e manda-nos a tua colaboração.

É fácil: basta enviá-la à Redacção de «O NOVO FANGUEIRO», PÁGINA JOVEM, com a indicação do teu nome (ou pseudónimo) e, se quiseres, a tua idade.

Vá, mãos à obra! Nós ficamos à tua espera!

PAZ

Sentada na praia deserta a brisa do mar acaricia-me o rosto, ao mesmo tempo que o vento faz com que os meus cabelos se debatem, parecendo uma seara.

O meu olhar pousa na imensidão do oceano. Comparado com ele, tudo parece insignificante.

A Paz, o silêncio, estão aqui bem patentes e só o murmurar das ondas quebram esse silêncio.

O Sol que durante o dia foi o Rei e Senhor, vê agora o seu reinado a chegar ao fim. Lá longe, no horizonte, o Astro-Rei na sua despedida de mais um dia, parece querer transmitir uma mensagem de Paz e Amor.

Sentada na areia molhada e fria, não posso desviar o olhar daquele horizonte e penso que esta Paz que me invade não existe em muitos lugares da Terra.

Lembro-me muitas vezes daquela Paz, interrompida por meras criancices e loucuras da Humanidade, para dar lugar a incessantes gritos ruídos e mortes. Em suma, a desolação provocada por objectos chamados armas, raívosas em tempo de guerra.

Mas... porquê?!

Onde estavas não sabia...

Onde estavas não sabia
Mas procurei-te, poesia,
Para ver se conseguia
Ser poetisa.
Fui pelas praias ouvindo
O murmúrio do mar.
Fui pela areia seguindo
Pegadas do meu sonhar.
Onde estavas não sabia...
Percorri campos, montanhas,
Tanto espaço desvendei,
Descobri coisas estranhas
Mas a ti não te encontrei.
Apenas
Acabei por te encontrar
Quando deixei de te buscar.
Onde estavas não sabia
mas sei agora
Que és omnipresente, poesia.

Afrodite

Porquê tanta discórdia entre os humanos enquanto que no horizonte, muito ténue, a Paz é a rainha?

Será que a Humanidade não tem tempo para parar, contemplar o horizonte e perceber que o Mundo pode ser um Paraíso sem guerras, com aquela paz infinita, como a do horizonte desta praia deserta que me envolve?

Apenas por mais um pouco de compreensão, paciência, Amor e calor Humano.

Escureceu. Ao voltar a casa, fico com a esperança de que a Humanidade um dia venha a perceber «o HORIZONTE», e transforme, um Mundo de guerra:

«Num Mundo onde a Paz reine sem cessar».

SOFIA ALEXANDRA COSTA MARQUES DA SILVA
14 anos

Paz, Liberdade, Criança

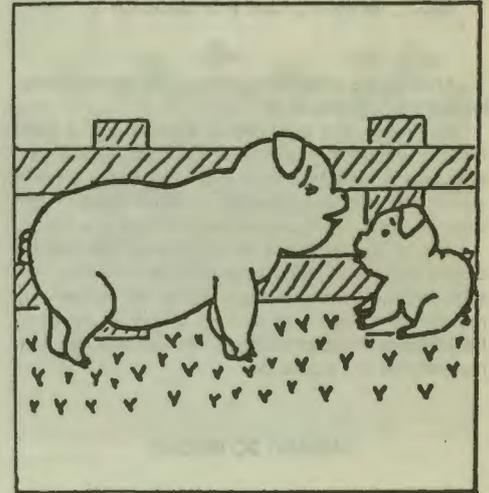
Voa uma pomba branca,
Nos lindos olhos de uma criança!
Com gritos de alegria...
Anuncia um novo dia!

A Natureza desperta,
As gotas de orvalho caindo...
A vida está liberta
Da guerra, do ódio, fugindo...

É um novo dia? É uma nova Esperança!
É a felicidade nos lábios de uma criança.

CARLOS

PAUSA PARA SORRIR



O leitãozinho: — Porque ficas tão apreen-siva sempre que uma galinha põe?

A porca: — Porque me lembro dos ovos com presunto...

★

A saída de uma exposição de pintura abstracta, diz um homem de certa idade: — «Vá lá, vá lá, que a vida não é tão má como estes tipos a pintam!...

★

O capitão: — Estou orgulhoso de ti! De 400 homens, foste o único que não recusou o rancho, hoje ao almoço. Comeste-o e achaste que estava bom, não é verdade?

O recruta: — Não, meu capitão, eu não comi o rancho.

O capitão: — Não comeste o rancho??? Então que lhe fizeste???

O recruta: — *Bebi-o*, meu capitão!

★

Numa estrada de grande movimento, um peão espera há tempo infindo para atravessar. A certa altura, vê um rapaz do outro lado, e grita-lhe: — Eh lá! Como conseguiste atravessar, moço?

Este responde: — Eu não atravessei. Eu nasci deste lado.

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

GROUP:

Impetus

FIGUEIREDO & MARIZ, LDA.
TELEF. (53) 961662/4 — TELEX 32474 LIATEX
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE

MALHAS CEF, LDA.

(EXPORT DEPART.)

TELEF. (53) 962612 — TELEX 32859 IMPTUS
FONTE DE CIMA — BARQUEIROS
4750 BARCELOS

MALHÁS RIDEL, LDA.

TELEF. (53) 962477 — TELEX 32859 IMPTUS
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE
PORTUGAL

Alberto Figueiredo
Managing Director

Um pouco de história... do Relógio

O QUE É O RELÓGIO?...
SIMI

MASI... AFINAL O QUE É O RELÓGIO?

Atualmente o relógio constitui um objecto absolutamente indispensável.

No corre-corre quotidiano, efectivamente cada minuto tem de ser bem cronometrado, razão por que todo o ser humano — principalmente a partir do início dos seus estudos secundários — jamais poderá dispensar este aparelho de medir o tempo.

Com o decorrer dos tempos, a corrida para o aperfeiçoamento deste aparelho de medição, tem sido uma constante da técnica, na vida do ser humano. Até quando se tentará atingir o máximo? Nas últimas décadas muito se tem conseguido. Mas recordemos um pouco do

PASSADO DO RELÓGIO

Provavelmente o leitor perdoará que não entremos no exagêro do pormenor, mas sucintamente vamos tentar descrever, desde os primeiros processos utilizados para medição do tempo, até à actualidade.

Para medir o que quer que seja, mais não fazemos do que estabelecer comparação entre o que pretendemos medir e determinado padrão, que sabemos ser infalível.

E, para medição do tempo, os nossos antepassados tiveram que procurar um padrão que pudesse ser comparado e limitado em fracções facilmente controláveis.

O primeiro padrão utilizado parece ter sido o movimento rotativo da terra em relação ao Sol, pelo que, há cerca de 2500 anos, o primeiro e único relógio existente, era o Relógio de Sol.

Essa medição era baseada na sombra provocada por uma vâra ou coluna, que se projectava sobre uma escala dividida em horas. Havia porém outras formas rudimentares e menos rigorosas de medir o tempo, tais como o gasto de uma candeia de azeite ou de uma vela de cêra.

Existiu também um instrumento de areia, conhecido há muito séculos e que ainda hoje se utiliza — a Ampulheta — que como se sabe, é formada por 2 recipientes unidos por um estrangulamento, através do qual se escoa a areia.

Um tipo de relógio muito utilizado antigamente e descoberto bastante depois do de sol, já que este servia apenas para medição do tempo durante o dia, e, mesmo assim nem em todos, foi a — Clépsidra — relógio de água, inventado pelos «babilónios».

Este género de relógio consistia na quantidade de água que passava através de um pequeno orifício e era medida num recipiente aferido.

★

Mas... falemos agora do aparecimento dos

RELÓGIOS MECÂNICOS

Finalmente no ano de 947, em Magdeburgo, a história da relojoaria deu um passo em frente, ao inventar-se o primeiro relógio mecânico.

Foi seu construtor o Monge Gerberto, de Aurillac, que mais tarde foi Papa Silvestre II.

O tipo de força mecânica fôra conseguida através de um peso suspenso, semelhante ao género de relógios de pesos, que ainda hoje se usam.

Dal em diante, as etapas de aperfeiçoamento do relógio mecânico foram-se sucedendo até que, cerca do ano 1500, Peter Hale, em Nuremberga, usou pela primeira vez a mola em espiral, tendo a partir daí sido possível que o relógio se tornasse um instrumento portátil.

Antes porém, já muitos célebres inventores teriam estudado a técnica do relógio, como Galileu, que fez estudos sobre o movimento pendular, concretizado no entanto por Christian Huygens.

Leonardo de Vinci foi igualmente um dos homens que se interessaram pela técnica de relojoaria.

Nos meados do século XVI o checoslovaco Zéch, de Praga, inventou o regulador de mola de forma a assegurar uma força motriz constante. Estavam assim criadas as necessárias condições para a produção industrial de relógios, que parece ter sido iniciada na Alemanha, sendo então considerados melhores, os fabricados em Nuremberga. Porém, a verdadeira indústria de relojoaria foi instalada no ano de 1587, em Genebra.

Começaram a ser construídos vários tipos de relógios.

No entanto os relógios de torre já estavam a ser fabricados desde o princípio do século XIII, sendo o mais célebre da antiguidade o que foi adquirido pelo rei Eduardo I, da Inglaterra. Trata-se de um dos antecessores do célebre BIG-BEN, de Londres, cujo nome era BIG-TOM.

Novas fases da técnica relojeira se seguiram e a necessidade de maior precisão estimulava os fabricantes e inventores a procurarem novas fontes de força motriz que correspondessem ao desejo e necessidade do progresso.

COMO É O FUNCIONAMENTO DO RELÓGIO MECÂNICO?

Cada tic-tac de um relógio tradicional significa que a roda de balanço cumpriu um ciclo, isto é, fez um movimento de rotação em cada sentido.

Este movimento é contado pela âncora, que o transmite através das rodas dentadas — que são as desmultiplicadoras — aos panteiros. Quantos mais movimentos se fizerem em cada unidade de tempo, maior será a precisão obtida.

No tipo de relógio mecânico é impossível conseguir um grande número de ciclos por segundo, em virtude da enorme quantidade de factores que influenciam o seu funcionamento.

★

Mas vamos dar um passo em frente e

FALEMOS AGORA... DA ENERGIA ELÉCTRICA

Em 1840, o inventor, senhor A. Bain, construiu o primeiro relógio eléctrico. Estava dado o passo decisivo para a precisão da relojoaria, pelo que a partir daí toda a filosofia do relógio se modificou.

Durante décadas e apesar deste invento, o relógio mecânico foi rei e senhor, na indústria relojeira de todo o mundo. Até que, já no nosso século, dois investigadores — senhores Scheibe e Adelsberger — tentaram descobrir uma substância que, submetida a uma corrente eléctrica determinada, produzisse um número constante de vibrações, que depois seriam contadas electronicamente.

Várias tentativas fizeram, tendo no ano de 1933 verificado que um pequeno bastão de QUARTZO, uma vez activado por uma pequena corrente eléctrica, vibrava com uma constância extraordinária. De início essas vibrações eram da ordem de 5 por segundo, em virtude dos meios rudimentares de que dispunham, muito embora isso constituísse o primeiro e notável passo.

Atualmente, com cristais de quartzo muito mais perfeitos, com o advento dos circuitos integrados na electrónica, e com os novos visores de cristais líquidos, é possível obter frequência de vibrações na ordem das dezenas de milhar por segundo e até contá-las em circuitos de alta integração, apresen-

tando os resultados em visores de baixo consumo para finalmente condensar tudo isto num vulgar relógio de pulso. Dentro deste nível, a precisão atinge já a ordem de poucos segundos por ano, o que constitui uma proeza extraordinária.

Porém a cúpula de toda esta espectacular precisão, situa-se no RELÓGIO ATÓMICO, que pela primeira vez foi produzido no ano de 1954. A base do funcionamento consiste na medição das oscilações induzidas entre os estados quânticos de átomos ou moléculas. Cifra-se na ordem dos 3 segundos em cada 100 anos, a incrível precisão obtida.

Um exemplar deste tipo de relógio, encontra-se em órbita terrestre, emitindo informações constantes para centrais da terra.

Para finalizar, diremos que é verdadeiramente assombrosa esta precisão, que só foi possível graças à moderna tecnologia; mas que não devemos esquecer que para tal muito contribuiu o esforço de gerações de investigadores, resumidamente referidos neste apontamento sobre

UM POUCO DA HISTÓRIA DO RELÓGIO

da autoria e responsabilidade de...

JORGE SANTOS

MORREU UM MENINO!

É Menino. Nasceu. E depois?

Depois!? É o choro
É o Carlitos
É o sorriso.

É Menino. Dois anos. E depois?

Depois!? É a mãe
É o pai
É a irmã.

É Menino. Sete anos. E depois?

Depois!? É o professor
É o Joãozinho
É o Luisinho.

É Menino. Treze anos. E depois?

Depois!? É o quarto
É a chave
É a fechadura.

É Menino. Dezanove anos. E depois?

Depois!? É a Susana
É a Luísa
É a Maria.

É Menino. Trinta e cinco anos. E depois?

Depois!? É a Luísa
É o Pedrito
É a Paulinha.

É Menino. Sessenta e nove anos. E depois?

Depois!? Era a luísa
É a árvore
É Deus.

Era menino. E depois?

POSTAL DE ANGOLA

II CAPÍTULO

No final do século XV, os Portugueses chegaram a Angola, mas Diogo Cão não podia fazer mais nada que não fosse o reconhecimento de alguma costa angolana e particularmente a Foz do Rio Zaire.

Só mais tarde Angola teve interesse económico, como manancial de escravos para o Brasil.

Depois disso, fez-se a sua ocupação, principalmente com condenados que para lá eram enviados, com a intenção de lá se fixarem.

Todos os europeus que para lá iam fixavam-se no litoral, e poucas expedições se fizeram ao Interior. Nenhuma expedição se dirigiu às Terras do Dange, por isso, o interior de Angola permaneceu desconhecido.

Só nos finais do século XIX uma coluna militar, comandada pelo capitão Ribeiro de Almeida, foi enviada para ocupar aquela região.

Existe perto do Úcua, um grande penhasco conhecido pela MUSSENGA, onde lá se encontra uma placa que assinala a passagem ali desses militares. Algumas vezes lá parei para descansar e sempre a curiosidade me levava a ler a placa onde estavam registadas as datas do acontecimento.

Estes militares depois de pacificarem toda a região dos Dembos, dirigiram-se

para o Dange onde construíram uma fortaleza em cima de uma colina, sobranceira ao rio.

Conheci alguns velhos desse tempo, que diziam com um certo orgulho: «eu sou do tempo do *Kimngango* — o Homem que come gente.»

O Capitão Ribeiro de Almeida era tido como um homem com poderes sobrenaturais. Conta-se que era capaz de tirar os dentes, punha-os em cima da mesa e depois voltava a pô-los na boca. Isso aterrozava os indígenas.

Após a chegada dos portugueses, foi imposta a soberania de Portugal com as obrigações à nova situação.

Os Mahungos foram libertados da opressão dos Makambas e retomaram as suas lavras que sempre haviam trabalhado. Ficaram contentes, enquanto os makambas, habituados a viver à custa dos manhungos, esses nunca perdoaram aos portugueses, pois tiveram que trabalhar se queriam comer, o que não era seu hábito.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

JÚLIO CÉSAR vence o Torneio dos Mestres em Marselha

Teve lugar no passado dia 1 de Janeiro o Torneio dos Mestres de Judo na cidade francesa de Marselha.

Este torneio que Júlio César vence pela 3.ª vez na categoria de leves, tem também por finalidade manter os técnicos de Judo em contacto com as técnicas pedagógicas mais avançadas no mundo. De salientar que o judoca português foi orientado durante 2 semanas pelo alemão Bernd Emmerling, o mesmo técnico que levou PLATE a medalha de bronze no campeonato do Mundo de 1987.

Nesta prova participaram atletas de 8 países da Europa com a seguinte classificação:

- 1.º Júlio César — Portugal
- 2.º Bernard Amice — França
- 3.ºs Uli Mayer — RFA e Remy Sorbier — França

DE VISITA

Vimos há dias entre nós Joaquim Vieira Barbosa, actualmente a trabalhar em Viana, mas que durante vários anos foi funcionário da extinta fábrica do «Felgueiras».

Fazia-se acompanhar da Esposa e de sua filha, dr.ª Virgínia Barbosa que provavelmente irá abrir consultório de advogada aqui em Fão.

Tivemos muito prazer em abraçar este amigo e regozijamo-nos com o seu possível retorno às «raízes».

FÃO DE ANTIGAMENTE



Temos aqui uma fotografia que deve ter entre quarenta e cinquenta anos. Só reconhecemos o António Borda e o Agonia Pereira. Quem são os outros?

ANÚNCIO

Buscas em jornais e documentos antigos c/ microfímes ou fotocópias.

CONTACTE:

Jorge Sequeira
Biblioteca Nacional
Campo Grande
1751 Lisboa Codex

Festas do Senhor de Fão

Já há fumo branco. Já há comissão para as festas do Senhor de Fão. Tinha que ser. Ao menos em serviço bairrista ninguém nos leva a palma.

Um grupo de jovens fangueiros chamou a si a responsabilidade das Festas de 88. E assim a tradição não foi cortada. E assim, ao menos aí, damos um sinal de vitalidade.



A BRASILEIRA
PORTO



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoas. Terrazos. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

FALECIMENTOS

Inácio Martins Palmeira

Com 60 anos de idade faleceu em Fão, no mês de Janeiro, Inácio Martins Palmeira.

Apesar de mais velho, o Inácio acompanhou de perto a geração de seminaristas que na década de 50 preencheu muito intensamente o tecido social de Fão. Pertenceu ao grupo que há umas dezenas de anos ocupava o «Campinho» com futebol e o jogo de bilharda. Eram os tempos do P.e Palmeira, manuel Alberto, Zé Ferreira e tantos outros.

O Inácio a certa altura optou pela Companhia de Jesus, mas depois desistiu.

O andar dos anos desfez o grupo e cada um seguiu o seu destino, com as suas opções, os seus estudos, os seus feítios. O Inácio foi funcionário do Hotel Ofir. O seu coração não lhe permitiu uma velhice sossegada.

Paz à sua alma.

★

Com 84 anos faleceu Esmeralda Gonçalves Turra, a simpática Esmeraldinha.

★

Igualmente faleceu na nossa terra Carlos José dos Reis, com 84 anos, que foi morador na Rua da Cruz.

As famílias enlutadas os nossos pêsames.

★

Em Vila-Chã morreu o P.e Cândido Lima, nosso confrãneo. No próximo número, faremos notícia mais circunstanciada.

Servempresas promove encontro de empresários

No dia 16 de Janeiro realizou-se no Hotel Nélia um encontro de empresários que teve a finalidade de os integrar na nova dinâmica negocial face à adesão do nosso País à CEE.

A organização e a iniciativa deste encontro ficou a dever-se à Servempresas, sediada na vila de Esposende, que é pertença do nosso prezado assinante António Oliveira.

Foram abordados temas aliciantes e oportunos tais como «A CEE e os empresários portugueses», «O imposto do Valor Acrescentado», «Os Seguros e a CEE», «O imposto do valor Acrescentado», «O sistema LEASING como forma de financiamento», etc., tendo sido a abordagem destes temas confiada aos Dr. Martins de Oliveira, Dr. Horácio Lages, Dr. José Augusto Monteiro

António Pinto Miguel

Já se encontra em plena recuperação o nosso amigo António Pinto Miguel, que há dias foi acometido de um acidente cardiovascular que obrigou ao seu internamento em casa de saúde.

Felizmente o mau tempo já lá vai, o que bastante sossegou os seus inúmeros amigos.

«O Novo fangueiro» congratula-se com a recuperação deste seu amigo da primeira hora.

Pintinho: prepara a bicicleta para umas passeatas no oloroso pinhal de Ofir...

Guerreiro, Dr. Filinto Botelho, João Abreu e Francisco Barros Lima.

Houve adesão total aos temas tratados, pois torna-se evidente que numa fase concorrencial a que Portugal se viu compelido, só os mais aptos (e nessa aptidão confluí a bagagem de conhecimentos) vencerão.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis Vilarelho
Amândio Caramalho
Jorge Santos
Tucha
Afrodite
Carlos
Sofia Alexandra C. M. da Silva
Casanova

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zífa Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra investigar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da splendidez de epítetos e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é a obra definitiva de todos os do país (gratuito) em 1988, tanto quanto a definição de termos técnicos e científicos.

FORTE EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 305-4200 F1987, Lisboa
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Maria Fado, 8-117 Apart. 301, 3010 EDIMPA, Coimbra
BUP, L. RUMENSE, LDA. Rua de S. João, 12, 4700 Matosinhos, Matosinhos

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:
Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Sanchos e Quixotes da nossa praça

Nótulas para a História de Fão

Em 1830 e final do século, o sargaço extraído do mar, ao domingo ou dia santificado, era pertença da igreja. No primeiro domingo do ano o direito da apanha do sargaço era vendido em haste pública no Terreiro de Nossa Senhora da Lapa.

O contrato tinha três cláusulas importantes:

1.ª — O arrematante era obrigado a ouvir missa, juntamente com todos os seus familiares. Só depois poderia dirigir-se à praia.

2.ª — A verba da arrematação seria paga em «metal sonante».

3.ª — O arrematante teria de apresentar dois fiadores com bens de raiz responsabilizando-os pelo pagamento e «integral cumprimento» do contrato.

★

O apuramento para o «serviço de regimento» (serviço militar) era feito pela junta de Paróquia na presença do Professor e do Regedor.

O Professor que exerceu esse cargo na primeira metade do século XIX chamava-se Domingos Assunção Merenci.

Ficava isento de apuramento o cidadão que não tivesse as «polegadas da lei»; que entregasse os salários aos pais quando necessitados; que possuíssem carro de bois.

★

A Capela de Nossa Senhora da Lapa — hoje Nossa Senhora de Fátima — serviu de Matriz durante alguns anos em virtude do estado degradado da actual igreja Matriz. Tinha «casas do Cabido» onde se faziam as reuniões da Junta.

★

Juramento da Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa de 29 de Abril de 1826.

A 2 de Março de 1842 reuniu a Junta de Paróquia, presidida pelo Pároco, para, sob juramento e com a mão direita sobre o livro dos Santos Evangelhos, «prestar livremente juramento» à Carta Constitucional.

O pároco não prestou o dito juramento, declarando «haver já prestado muitos juramentos» no seu Competente Juízo Eclesiástico.

★

No início de cada ano civil eram eleitos dois mordomos do sino até meados do séc. XIX. A partir daí, acabou-se com o costume e criou-se o lugar de «cervo» o qual passou a ocupar-se de todas as obrigações. A razão invocada foi a da população masculina se ocupar na «Arte de Pescaria».

O Pároco da Freguesia era o *Presidente Nato* da Junta de Paróquia. Não havia promessas... nem guerras de partidarite.

★

O título honorífico de «Prior» também já o foi de «Reitor de Sam Paio de Fam».

★

Em 1843 foi descoberto um «pardieiro» submergido pelas areias que fôra outrora residência paroquial. Foi perguntado ao Governador Civil se o achado era considerado propriedade nacional ou se pertenceria ao Bispo de Vila Viçosa. Em resposta, o senhor Governador comunicou que a casa deveria ter sido construída com o dízimo da freguesia. Logo só a ela pertencia e poderia vender para obter uma verba para obras na Matriz.

★

Ao Bispo de Vila Viçosa cabia receber os dízimos da freguesia da qual tinha o domínio. Em virtude do estado de pobreza a que esta freguesia chegou na primeira metade do séc. XIX, esses dízimos (impostos) deixaram de ser pagos e por essa razão a igreja atingiu um estado de degradação total. Foi de novo assoreada pelas areias, pastando as cabras no telhado.

★

Fins do séc. XVIII, princípios do séc. XIX, talvez por um período de quarenta anos, as areias movediças a sul do Cávado voltaram a avançar e soterraram a freguesia de Fam. Só então, se encarou seriamente a sementeira e plantação de pinhal para defesa da freguesia. O pinhal circundava a rua da Boa Vista até ao rio e encaminhava-se pa-

ra sul até ao caminho de Apúlia, a partir do alto até ao poço da Coroa. (Rodas?) ou (Priorado?)

★

Nos primeiros dias do mês de Janeiro de 1845 gerou-se uma guerra entre pescadores/lavradores de Fão e de Fonte Boa pela posse da orla marítima, compreendida entre Fão e Apúlia. A causa próxima tinha como única razão a apanha do sargaço. Dado que a freguesia de Fonte Boa confinava com o mar, os habitantes desta freguesia achavam-se com o único direito de serem eles a extrair o «sargaço» daquele mar. Depois de toque de sinos e concentração de forças junto à costa, foi a questão posta ao administrador do Concelho que sentenciou a apanha do sargaço por ambos os povos mas sem «gavetas».

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

(Continuado da página 10)

Pois nesse tempo davam bom dinheiro pelos cabelos e como os de Matilde eram compridos e loiros, mais valiosa era a compra.

E também nessa Noite de Natal, num estojo aveludado e acetinado repousava uma travessa para Matilde. (António vendera o único bem, de alguma valia, que seu pai lhe deixara — o relógio de bolso).

As prendas não tiveram a utilidade desejada, mas ainda hoje esse casal muito velhinho, tem-nas expostas sobre a cómoda do quarto de dormir, como símbolo de amor e dádiva. Coisas, hoje muito arredadas entre nós.

23-12-87

M. ARLETTE SALGADO FARIA

ROMEIRO

*Lã vai, lã vai feliz na sua estrada
um alegreromeiro...
Leva no coração um fogareiro,
Na boca uma canção
E nos olhos a branca madrugada.
Vai em busca dum novo paraíso,
Sem a cobra falaz da tentação,
Onde existe uma árvore formosa
E cujo fruto; o límpido sorriso,
recorda o suave aroma duma rosa.
Por onde passa, fica engrinaldado
O duro e agreste chão,
E fica perfumado
A ar e o arvoredado.
Dentro leva um segredo
Que só ele conhece.
mas quando regressar, estrada fora,
Hã-de fazer brilhar na hum, anidade
Aquela eterna aurora
Que inunda os corações de caridade
E todo o mundo aquece.*

DINIS VILARELHO

Gondomar, 19-02-1987



o que é bom da natureza

O Mundo em que vivemos

A LOJA DO SR. ANTUNES

Parece que estou a vê-lo. Era o dono de uma retrosaria próxima da casa onde passei a minha infância, a minha juventude, os meus primeiros anos de mulher casada e de mãe.

A loja era pequena e modesta. Por fora, uma despreziosa montra onde os artigos estavam expostos com ordem e simplicidade; por dentro, o tecto, o chão, os armários escuros — e um longo balcão, escuro também — quebravam a luminosidade exterior, mantendo-a numa suave penumbra. No ar havia como que um cheiro a «antigo» e, nos meus tenros anos, cada vez que lá entrava, fazia-o com aquela espécie de respeito e de fascínio que as crianças sentem pelas coisas misteriosas.

Não havia empregados. Só o Sr. Antunes e a esposa. Nunca cheguei a saber o nome dela, pois, quando se lhe dirigia, o marido chamava-lhe sempre «menina» e, quando falava com os clientes, dizia, de modo aparentemente enfático mas que traduzia um eternecido orgulho, «a minha esposa».

A ausência de pessoal estranho e a cordialidade que rapidamente se estabelecia entre o casal e os seus clientes, criavam um ambiente quase familiar, que tornava muito agradáveis as idas à loja do Sr. Antunes, quer fosse por um metro de elástico, por um carrinho de linhas, ou por qualquer outra coisa.

Os anos foram passando, mas as minhas compras na simpática retrosaria continuaram. Primeiro, com as linhas para bordar o meu bragal, depois com as rendas e fitas para o enxoval do bebé. Assim, acompanhei o desgaste do tempo no casal Antunes: as mãos menos firmes, as costas menos direitas, o cabelo que se tingia de prata. Mas sempre juntos, sempre afáveis e discretos, conservando no olhar e no trato aquele modo bondoso de ver os clientes como amigos.

A dada altura o convívio quedou-se. A mudança de casa para o outro extremo da cidade, a profissão, os filhos pequenos, as lides domésticas, tornaram impensável dar-me ao luxo de atravessar de um lado ao outro a localidade — com um trânsito cada vez mais complexo — só para ir à loja do Sr. Antunes.

Há dias, porém, outros motivos me fizeram deslocar àquela zona. Cumprido o objectivo que lá me levou, dei comigo a descer a rua, a caminho da velha retrosaria. Parecia-me sentir ainda o alvoroço com que, ao completar os meus treze anos, fizera o mesmo percurso, para comprar fita de seda vermelha para os laços das minhas tranças.

Assaltou-me um desejo incontrolável de

lá entrar e comprar novamente uma fita de seda vermelha. No entanto, quando reparei, já estava quase na esquina. Tinha passado à frente, com certeza, embrenhada como ia nos meus pensamentos. Voltei atrás, com toda a atenção, e quedei surpresa: a antiga fachada fôra substituída por uma reluzente mistura de vidro e alumínio anodizado.

Entrei. Tudo mudara. Os velhos armários tinham desaparecido. O tecto e as paredes, em tons claros, enchiam a sala de luz. O longo balcão dera lugar a um outro, muito mais pequeno, de vidro e metal. Por detrás dele, uma jovem contemplava, abstracta, o movimento da rua. Nem deu por mim. Só quando lhe toquei no braço e lhe pedi um metro de fita de seda vermelha, é que desceu das nuvens e com ar distraído limitou-se a dizer: — «Não temos». Agrade-ci e vim para a rua.

Caminhava, com passos automáticos, para o sítio onde deixara o carro, mas o meu espírito não estava ali. Estava numa lojinha modesta, envolta numa luz subtil e difusa,

onde, por detrás de um longo balcão de madeira escura, um homem sereno e afável, curvado e encanecido pelos anos, dizia à sua companheira, naquele jeito carinhoso e bom que sempre lhe conheci: — «Olha, Menina, chegas-me daí a caixa dos colchetes?»...

E. REAL

★

O NATAL DO SR. BARBOSA

No jornal do passado mês de Janeiro, a crónica com o título acima, foi, por ter sido telefonada, alvo de numerosas «gralhas». E, se algumas são irrelevantes, outras são graves, chegando por vezes a alterar o sentido da frase em que aparecem. É dessas que nos vamos ocupar:

Na 1.ª coluna, onde se lê: — gravata desbotada e polida — deve ler-se: gravata desbotada e puída.

Na 2.ª coluna, 13.ª linha, onde se lê: — do qual — deve ler-se: no qual.

Também na 2.ª coluna, na 16.ª linha, onde se lê: — ia tomar — deve ler-se: a tomar. Na mesma coluna, na 30.ª linha, onde se lê: pois a saúde - deve ler-se: cuja saúde. Ainda nessa coluna, na 51.ª linha, onde se lê: — e um gesto — deve ler-se: de um gesto.

Na 3.ª coluna, 5.ª linha, onde se lê: — Que se recordaria ele? — Deve ler-se: Que recordaria ele?

Finalmente, na mesma coluna, 27.ª linha, onde se lê: — e é assim que gosto de o invocar, deve ler-se: e é assim que gosto de evocar.

As nossas desculpas e o nosso agradecimento.

E. REAL

Uma chávena de café

Às vezes fico na dúvida, se é a ternura do conto ou do brilho dos olhos da minha querida colega e amiga Fátima ou ainda a meiguice da sua voz que dão toda a candura, indispensável num conto natalício.

Foi no tempo da guerra e, como em todas as guerras, há enriquecimento para uns e miséria para a maioria.

António e Matilde faziam parte dessa maioria: faltava-lhes emprego, dinheiro, géneros alimentícios. As bichas eram intermináveis e as senhas rareavam.

Era Dezembro e aproximava-se o Natal.

Apesar das carências provocadas pela guerra, os comerciantes da cidade tentavam iluminar as vitrinas das montras, com prendas, bolas multicores e azevinho.

António e Matilde passeavam como toda a gente, pelas ruas da cidade triste. Paravam aqui e acolá, olhando os regalos para os olhos que as bolsas não suportavam. Entre-

tanto, como muitos olhavam a ourivesaria, eles foram até lá.

Coisas preciosas que faiscavam em tentação. — «Olha António, se tivéssemos dinheiro, comprava aquela corrente para o relógio de bolso que herdaste do teu falecido pai». Ela sentiu a pressão dos dedos no seu braço e as mãos de António acariciarem-lhe as faces de reconhecimento. Mas António já não olhava a corrente e sim uma linda trança merecedora de uns cabelos condignos.

— Olha, que bem que te ficaria. Nos teus sedosos e loiros cabelos!...

Matilde sorriu-lhe e puxou-o para bem longe das vitrinas.

Regressaram a casa silenciosos, nunca mais abordando estes seus desejos.

Na noite de Natal havia uma corrente para António. (Matilde entrancara os cabelos e vendera as tranças).

(Continua na página 9)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO